

"Uma página de heroísmo das Tropas de Transmissões do Exército Inglês"

Traduzido de "ROOF OVER BRITAIN"

Pelo Major ADALARDO FIALHO

O episódio que vamos traduzir abaixo refere-se a tropas de transmissões integradas na defesa das ilhas britânicas contra a "Blitz" da Luftwaffe. Nem por isso perde o seu valor, contudo, e vem provar o acerto da afirmativa contida no já surrado valor que diz correr o pessoal da retaguarda os mesmos riscos que o da linha de frente.

Trata-se, particularmente, de Corpos de Sinaleiros trabalhando para a Defesa Anti-Aérea. Ei-lo:

"Ligando o sistema anti-aéreo".

Outro sustentáculo do "Teto da Grã-Bretanha" é o trabalho do Real Corpo de Sinaleiros. Todo o sistema de defesa é baseado em Transmissões de primeira classe, em possibilitar aos artilheiros saber o que está acontecendo, afim de que possam tomar disposições para o que venha a acontecer em outras partes.

Todo o Comando Anti-Aéreo é, propriamente, um puro trabalho de Transmissões. Cada canhão e Setor de holofotes é ligado com os seus respectivos P. C. e vizinhos. Canhão e holofotes, Postos de Observação, P. C., Setores de Caça e Campos de Aviação são todos inter-ligados num labirinto de cabos telefônicos, reforçados por Agentes de Transmissões e Rádio.

Os sistemas telefônico e telegráfico civis constituem a ossatura. Aos seus milhares de milhas de fios, estendidos por todos os cantos do país, foram acrescentados centenas de milhas de linhas de campanha e novos circuitos. Para cada circuito há variantes, planejadas para os casos de emergência. Mesmo a existência de linhas privadas é anotada, de modo que, se necessário, possam ser requisitadas e usadas.

Quando os "raids" surgem, as linhas são sujeitas a interrupções. Então as Turmas de Transmissões do Real Corpo

de Sinaleiros devem trabalhar, muitas vezes em condições extremamente difíceis, percorrendo as linhas e reparando-as

Aqui vai o relato de uma dessas excursões, levada a efeito durante os ataques sobre Londres. Diz respeito a certa Bateria de canhões da ilha de Dogs. A Turma de Transmissões, integrada por um subalterno e por dois carros, cada um transportando dez homens e carregados com o equipamento usual dos sinaleiros — cabos, postes, cordeis, ferros de trepar, carrinhos enroladores, etc. — recebeu as suas ordens às 9,30 da manhã.

Longo tempo consumiu ela para dirigir-se para ilha de Dogs, através de todos os desvios causados por bombas que tinham explodido ou que ainda se esperava que explodissem.

A ilha de Dogs não é uma ilha propriamente, mas uma lingua de terra em forma de "U", numa dobra do Tamisa e isolada por ramificações de docas.

Silhuetada pelo rio, era um alvo natural e os armazens e casario de grandes oficinas que se acumulavam nela sofreram terrível martelamento. Os incendios estavam ainda lavrando e do outro lado do rio as docas de Surrey estavam ardendo também. Havia um acesso deixado aberto (chicana) pelo qual os carros dos sinaleiros podiam aproximar-se da Bateria por uma grande cratera de bomba.

A Bateria estava cercada de crateras, de forma que era impossível fazer chegar qualquer carro até ela. Ordinariamente, uma Turma de Transmissões trabalha percorrendo as linhas, emendando-as onde se acham interrompidas. Porém as linhas para esta Bateria tinham sido muito enterradas e parcialmente debaixo d'agua.

Tinham sido construídas pela Turma do Oficial Orientador da Bateria, geralmente responsável pela sua conservação; porém, como se pode avaliar, o Oficial Orientador não estava inteiramente livre naquela manhã. Não havia nenhuma possibilidade de restaurar aquele complicado trabalho, mas era urgentemente necessário restabelecer as comunicações até ao anoitecer.

A única saída era construir uma linha inteiramente nova para a Central telefônica mais próxima, a qual ficava a 2 milhas de distância em linha reta, porém a uma distância provavelmente 2 vezes maior, tomando pelos desvios.

Não havia tempo para construir as linhas sobre postos; eles tinham que construí-las ao longo dos sulcos do próprio

terreno, deixando sinaleiros de intervalo a intervalo para guardá-la.

O dia estava quente e, mesmo com os incendios ainda lavrando, tudo estava estranhamente quieto. As ruas estavam desertas, como as de uma cidade de almas do outro mundo. As pequenas lojas lá estavam, com suas mercadorias nas vitrinas, porém ninguém se achava atrás do balcão esperando vende-las. Muitas vezes vinham para um Armazem ardendo e tinham que calcular até onde o fogo poderia se espalhar, antes de lançar o cabo. Frequentemente o colocavam ao longo das regueiras, mas algumas vezes sôbre as ruínas de um edificio e uma vez sôbre a balançante ponte de uma doca. As sirenes soaram diversas vezes, porém nada serio desenrolou-se. Eles continuaram a labutar, ao redor de Armazens, em baixo de guindastes, pelo meio de estaleiros despedaçados, de terras revolvidas, de linhas de via-ferrea de doca, debaixo de cercas, sôbre pontes. O ar estava carregado de fumaça, pó e imundicies. Os homens estavam imundos e suando com o calor e o incomodo de terem de fazer constantes diversões para evitar bombas de retardo, as quais, naqueles dias, constituíam perigo muito mais incalculavel do que o são agora.

Trabalhando sob grande pressão, os homens, finalmente, terminaram completamente a linha lá pelas 4 da tarde. Quando tiveram que a testar, não estavam absolutamente certos de que funcionaria. Porém, funcionou e precisamente quando a voz se fazia ouvir na linha, as sirenes anunciavam o primeiro dos ataques da noite.

Ser um Agente de Transmissões não é muito divertido, durante um "raid" pesado. Com a interrupção das comunicações, os Agentes são esfalfados, levando mensagens para as Baterias. Todos os incomodos de dirigir uma carroça através de um terreno acidentado, de barro e de água de uma área bombardeada são multiplicados muitas vezes quando se dirige um auto (Agentes utilizando veículos). Tem-se maior mobilidade, porém muito maiores desconfortos.

O fator compensador é que, devido à agudeza destes desconfortos, perde-se rapidamente a maior parte da capacidade de apreensão e desenvolve-se certo amargo gosto por voltar antes.

Durante os ataques a Coventry, o Cabo Sidney Slight estava em missão junto a um Depósito de munições, quando uma bomba caiu perto e o lançou a uma duzia de jardas.

Ele voltou ao seu auto e, poucos minutos mais tarde, um dos seus pneumáticos arrebentava. Trocando a roda interessada por outra, tirada de outro carro identico e, divertindo-se com que o respetivo proprietario poderia dizer, quando voltasse a querer usá-lo, afastou-se de novo. Tomou por um caminho e, cinco minutos mais tarde, fazia a viagem de volta. Durante esta, um carro do Exército, encravado numa cratera de bomba, não estava lá cinco minutos antes, salvou-o de um grave acidente, pois vendo a sua forma na escuridão, parou para evitá-lo, antes de se lançar sobre ele. Um estafeta de Londres foi menos afortunado. Guiou sobre uma cratera de bomba e viu-se praticamente enterrado na lama. Um policial foi ajudá-lo a safar-se e ele próprio enterrou-se com todo o seu uniforme novinho em folha. Outro Agente foi lançado fora de seu carro 18 vezes em 40 minutos e, quando voltou, verificou que devia entrar de guarda dentro de 35 minutos...

Eis uma pálida amostra do que eles chamam trabalho de rotina no Real Corpo de Sinaleiros e que nos dão uma idéia dos segredos da vitória da Inglaterra contra a "Blitz" aérea da Luftwaffe.

Não Desperdice!



Deposite suas Economias na
PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

ATAQUES À BAIXA ALTURA (PARA TODAS AS ARMAS)

Traduzido pelo **Cap. WELT DURÃES RIBEIRO,**
Instrutor do C.I.D.A.Aé.

Julgamos útil a tradução destas diretivas de instrução, tanto pela matéria tratada, de interêsse no momento atual, como pelo método de exposição dos assuntos e minucia com que são apresentados, evidenciando o alto gráu de organização da instrução no Exército Norte-Americano.

“DIRETIVAS DE INSTRUÇÃO”

Organizadas sob a orientação do “Comando Geral das Forças de Terra dos Estados Unidos da América do Norte.”

Primeira sessão

Duração — Uma hora.

Finalidade — Estudo dos métodos e características da observação aérea inimiga e dos ataques à baixa altura.

Local — Sala de conferências ou teatro adequado para a projeção de filmes.

— Desenvolvimento: —

Repassar as medidas de defesa ativa e passiva, contra a observação aérea e o combate da aviação, ensinando as medidas que são tomadas para a cobertura anti-aérea em marcha.

- a) Explicar que a defesa anti-aérea é uma medida normal de segurança, empregada pelas tropas para

assegurar o mínimo de interferências no cumprimento da missão principal. Todas as forças de terra adotam medidas neste sentido, especialmente na defesa contra a observação da aviação hostil e contra o ataque dos aviões em vôo baixo e em mergulho. As forças de terra devem ser treinadas e preparadas no emprego de todos os meios eficazes, ativos e passivos, para neutralizar a ação da aviação inimiga.

- b) A observação da aviação é um dos principais meios de reconhecimento da guerra moderna. A observação aérea se realiza apenas fóra do alcance util das armas portáteis, com pouca velocidade e geralmente por um só avião.
- c) A aviação moderna pode atacar forças em terra quer pelo fogo de suas metralhadoras, bombas, substâncias químicas ou por qualquer outra combinação dessas armas. As metralhadoras aéreas entram em ação, normalmente, desde 1.000 metros, com o propósito de cobrir o ataque que prossegue com bombas em paraquedas ou em queda livre, constituem o meio mais eficaz de ação contra as tropas no solo. Os gases são acondicionados em bombas ou em tanques químicos.
- d) De dia, o avião de bombardeio leve procura surpreender às tropas terrestres, voando na menor altitude possível e com a máxima velocidade. Protege-se com os bosques e elevações ou com a direção do sol. As formações aéreas são empregadas normalmente, apenas contra uma fração do objetivo designado às pequenas unidades táticas. À noite, a obscuridade pode contribuir para a realização de ataques em massa, apesar das dificuldades do vôo baixo, em formação. São usados de preferência, aviões isolados, que procuram arrazar alvos vulneráveis. Entretanto, o perigo de um grande ataque aéreo

noturno, em circunstâncias favoráveis deve ser sempre considerado.

Caso a aviação inimiga observe ou ataque, de alturas superiores à eficácia das armas de pequeno calibre, deve-se confiar unicamente nas medidas de defesa passiva e na proteção assegurada pela própria aviação e artilharia anti-aérea.

- Utilizar o período restante (35 minutos) para a projeção dos filmes de instrução.

Segunda Sessão

Uma hora

Finalidade: Recordar as medidas individuais de segurança anti-aérea.

Local — Proximidades do quartel

Equipamento: Completo de Campanha.

- Neste período, recordam-se as medidas individuais de defesa ativa e passiva, aplicáveis na marcha e durante os pequenos altos. A instrução indicada deve ser dada, de preferencia, por baterias completas ou unidades similares. Deve ser ensinada por meio de conferências, demonstrações e trabalhos práticos.

Recordar:

- a) Como se dispersar e ocultar; utilização das cobertas do terreno ao longo da estrada de marcha, para a proteção contra o fogo e a observação aérea.
- b) Que um observador aéreo não distingue os indivíduos no terreno, si estiverem abrigados nas sombras das árvores ou na macéga alta.
- c) Que o soldado deve usar folhas, mato, sacos, redes ou qualquer outro material que sirva para o disfarce, precavendo-se assim contra a observação aérea do inimigo.

- d) Que o uso da lanterna deve ser proibido, excépto pelas pessoas especialmente autorizadas e, neste caso, protegidas por anteparos especiais (papel celofane azul ou vermelho). Só será permitido o tráfego de veículos com luzes noturnas regulamentares (farois com a metade superior pintada). Outras luzes, fogos e cigarros não serão permitidos.
- e) Que os observadores inimigos lançam luzes para focalizar as nossas posições, bivaques ou colunas em marcha e que, neste caso, são aplicáveis os mesmos principios de disfarce contra as vistas e os fogos da aviação inimiga.
- f) Que a protecção individual contra as metralhadoras e bombas fica melhor assegurada quando o homem se deita de bruços, constroem abrigos individuais ou procura valas, fossos ou cobertas.
Entretanto, os homens devem evitar a reunião numa só trincheira ou fosso, proporcionando alvos enfiados. A preocupação fundamental deve ser o da dispersão sobre uma certa area, concentrando o fogo de todas as armas sobre o avião.
- g) Quando o ataque se faz em vôo baixo, a não ser que o soldado tenha ordens especiais em contrário, deve abrir fogo com todos os fuzis-metralhadoras, metralhadoras e até pistolas. Sua posição pode ser de bruços, de joelhos ou de costas, dependendo da conformação do terreno, porem será tal, que possa abrir fogo eficaz contra os aviões.
- h) Além do piloto, existem muitas partes no avião, como as helices, os motores e tanques de gasolina, que são vulneráveis ao armamento portátil.
- i) Que os aviões de mergulho são relativamente, alvos fáceis para o soldado, calmo e treinado.

5 — Explicação e trabalhos práticos

- a) Missão e emprego dos vigilantes do ar.
- b) Sinais sonoros (três toques de apito ou corneta, três disparos de fuzil ou outro sinal prescrito pela

autoridade competente) são usados numa pequena area para soar o alarme contra a aviação inimiga que se aproxima.

- c) Instruções sobre o procedimento que devem ter os soldados.

— A instrução explanada no parágrafo 4, acima, é destinada aos soldados de infantaria, cavalaria e divisões motorizadas.

Terceira Sessão

Duas horas.

Finalidade. Marcha diurna, sistema de alarme, formações de marcha medidas de defesa ativa, ação durante o combate.

Local — Estrada de marcha flanqueada por um terreno variado.

Equipamento: Completo de campanha.

- a) Apoiando-se em uma situação tática que exija uma marcha para atingir a zona do combate, com a possibilidade de ataques aéreos, deve-se conduzir o treinamento da tropa pela seguinte fórmula:

- (1) — Estabelecimento e funcionamento de um sistema de alarme.
- (2) — Formação de marcha (tropas a pé e motorizadas) sobre estradas ou através campo.
- (3) — Medidas de defesa ativa.
- (4) — Conduta da coluna quando atacada.

b) Sistema de alarme

- (1) — Os postos de vigilancia aérea, aos pares, são dispostos na vanguarda, flancos e retaguarda da coluna de marcha, para o alarme da aproximação de qualquer avião, mesmo que seja amigo. Os vigilantes do ar

devem operar a uma tal distancia (6 a 10 km.) da coluna, que lhes permita dar o alarme a tempo. São colocados em pontos de fácil observação, transportados por lanternas, em motocicletas ou outros veículos, de um ponto de observação a outro. Nas colunas motorizadas, este método deve ser modificado, estabelecendo-se um cordão móvel de guardas aéreas.

- (2) — Usualmente, os aviões atacantes não são ouvidos nem vistos até que estejam num raio de 10 a 30 segundos de vôo do observador; portanto, o tempo disponível desde que se percebe a aproximação até o ataque, será, provavelmente muito curto. O alarme deverá ser imediato e inequívoco.

Até que um sistema adequado para o alarme seja adotado, deve-se improvisar, aproveitando todos os elementos disponíveis. Atendendo que os aviões voam com uma velocidade equivalente à metade da velocidade do som, torna-se impraticável o uso de uma sinalização sonora para grandes distancias. Os vigilantes do ar devem estar em comunicação com as tropas por meio de artifícios piro-técnicos, telefone, rádio ou qualquer sistema elétrico de transmissões. Para curtas distancias será prevista a sinalização a braços. Os sinais devem ser conhecidos por todo o pessoal de comando.

- (3) — Todos os soldados são treinados nas funções de vigilante do ar, porém serão selecionados os mais inteligentes, afim de trazer maior segurança à tropa.

Nas colunas a pé, cada pelotão deve destacar vigilantes para sua própria segurança. Será um sistema satisfatório, destacar qua-

tro homens por pelotão: um adiante, e dois no centro, observando à direita e à esquerda e um à retaguarda; prevendo-se mais quatro outros para as substituições. Os homens designados devem observar com a mesma intensidade, tanto nos altos como durante as marchas.

- (4) — O alarme deve ser dado no regimento por um dos seguintes meios:

Vigilantes do ar

Aviões de ligação.

Rede anti-“tank” de alarme, usando rádios do tipo S C R 245.

Rede rádio do comando imediatamente superior.

- (5) — Um sistema interessante de alarme para o regimento, consiste em estabelecer uma rede de rádios com o SCR 284 (ou substitutos), utilizando os destacamentos de vigilantes do ar que se encontram operando a certa distancia da coluna, batalhões ou transportes e então, das vizinhanças da rede-rádio estabelecida, transmitir às unidades menores, por meios pirotécnicos ou por alto falantes portáteis, similares ao SCR 195 e SCR 536 ou ainda, por meio de pre-estabelecidos sinais visuais e sonoros o alarme deve ser também transmitido aos comandos superiores.

- (6) — Comparando-se as distancias percorridas e as velocidades das colunas motorizadas com as das colunas a pé, veremos que nas primeiras o problema será muito mais complexo. Tanto a rede-rádio, como os siste-

mas de alarme, são similares aos aplicados nas colunas a pé, porém adequados à velocidade da coluna. Um processo eficiente será o seguinte:

Quatro homens em alerta no corpo de viatura.

O chefe da viatura, geralmente um graduado, em ligação pela voz e pela mão com o motorista e postado no canto esquerdo observará para a frente e para a esquerda; outro homem no canto direito vigiará para a frente e para a direita; dois na parte posterior, observarão respectivamente, para retaguarda e à direita e para retaguarda e à esquerda. Torna-se necessário prever as substituições.

- (7) — Em uma coluna blindada, cada veículo possui um rádio receptor e portanto, todos os elementos são alertados simultaneamente. Os "tanks", devido às blindagens e à baixa visibilidade, estão dispensados da colocação de observadores.

c) Formações de marcha:

- (1) — A eficácia dos ataques aéreos aumenta proporcionalmente à densidade das formações da tropa atacada. Em todas as situações e quando for possível um ataque inimigo, os intervalos e distâncias entre as unidades serão aumentados e, além disso, adotar-se-á uma formação irregular. A dispersão será a máxima admissível para o cumprimento da missão terrestre. Quando a coluna marcha sob a ameaça de um ataque aéreo, as tropas a pé marchar

em "coluna por dois", cada fila de um lado da estrada, mantendo uma distância aproximada de 25 metros entre os pelotões e de 50 metros entre as companhias. Todas as armas estarão carregadas e as que se acham sob reparos, devem estar em posição anti-aérea.

Os veículos que conduzem tropas ou armas automáticas, conservarão as capotas arriadas. Tanto quanto a situação permita, os veículos devem se deslocar por lances, de uma coberta para outra e fóra da estrada. Deve-se tirar partido da mobilidade de certas viaturas para se locomoverem através campo.

- (2) — No movimento motorizado, a dispersão se efetua aproveitando a vantagem das estradas paralelas que possam ser utilizadas pelo comando. Dentro da coluna ou colunas, a dispersão se obtém pelo uso das "colunas abertas": — A distância entre os caminhões será de 100 a 300 metros. Uma densidade de 10 veículos por milha, trará uma adequada segurança, exceto no caso em que o inimigo possua completa superioridade aérea, podendo lançar aviões isolados para o ataque. A velocidade de marcha deve ser mantida, tanto quanto possível, entre 45 a 60 km. por hora e todo o esforço deve tender a evitar congestões no tráfego, quando algum veículo fizer alto.
- (3) — Para facilitar o comando, a integridade tática das unidades deve ser mantida. A menor sub-divisão nas colunas motorizadas é o grupo de marcha, com cerca de 25 veí-

culos, ou seja, o efetivo duma companhia de fuzileiros. O elemento seguinte é, geralmente, formado por 3 ou 4 grupos de marcha e constitue o batalhão. A coluna é composta de vários batalhões. A testa é a cauda dos grupos de marcha e batalhões devem estar assinalados.

(4) — Deve ser estabelecido um intervalo de tempo entre os grupos de marcha e os batalhões; por exemplo, um minuto entre os últimos.

(5) — A velocidade de uma coluna motorizada implica na necessidade da distribuição das armas anti-aéreas entre os grupos de marcha, para dar uma adequada cobertura aos movimentos por lances.

d) Medidas de defesa ativa. O comandante da coluna coordena a disposição de suas armas anti-aéreas, orgânicas, para a defesa ao longo da coluna. Como regra, as armas orgânicas são dispostas para a cobertura dos elementos aos quais pertencem e, assim, as armas anti-aéreas da artilharia de campanha, darão sua segurança às respectivas baterias e grupos e acidentalmente cobrirão outras unidades.

e) Conduta da coluna durante o ataque.

Todos os membros da unidade precisam ser instruídos sôbre o seguinte:

(1) — Ao soar o alarme aéreo, as tropas a pé abandonam as estradas e procuram abrigar-se. E si, não estiverem proibidas pelos comandos imediatos, abrem fogo tão logo o inimigo se encontre ao alcance de suas armas.

(2) — Todos os veículos são conduzidos para os lados da estrada e imobilizados; e, si o terreno permitir, afastados o mais possível afim de clarear a zona de impactos. Pelotões préviamente designados estão a cargo das armas anti-aéreas montadas sôbre as viaturas. As demais tropas abandonam os veículos e procuram se dispersar pelas cobertas do terreno.

Si não estão proibidas de agir pelos respectivos comandos, rompem fogo tão logo o avião inimigo esteja dentro do alcance eficaz de suas armas.

Ninguém deve se afastar demasiadamente do veículo a que pertence, afim de retornar rapidamente ao seu lugar logo que cesse o ataque.

(3) — No caso de ataque sem alarme prévio, os veículos se detêm e os homens que não guardam as armas automáticas, saltam e dispersam. O fogo é aberto por todas as armas, logo que o inimigo se encontre no alcance útil de cada uma. Isto se fará sempre e quando não haja proibição em contrário.

(4) — As viaturas serão conduzidas à posições protegidas, caso o tempo não seja um fator vital na marcha e si a natureza do ataque permitir.

(5) — A decisão de prosseguir na marcha pertence ao comando, que levará em consideração a possibilidade de outro ataque, antes de retomá-la no menor tempo possível.

(6) — Nas colunas mecanizadas, as blindagens oferecem proteção suficiente contra os esti-

lhaços e por isto ha uma tendência sensível na opinião dos officiais, em considerar que é preferivel avançando e manter durante a marcha o fogo das armas automáticas.

Quarta Sessão

Duas horas.

Finalidade — Marcha noturna, medidas secretas, conduta da coluna ao ser iluminada e procedimento em caso de ataque.

Local e equipamento — Identico ao da 3.^a sessão.

8. —

a) Utilizando-se uma situação tática que requeira uma marcha noturna para o combate, na qual a coluna possa ser iluminada ou atacada pela aviação inimiga, o treinamento da tropa será conduzido pela maneira seguinte:

(1) — Medidas secretas tomadas antes, durante e depois da marcha.

(2) — Sistemas de alarme.

(3) — Conduta da coluna ao ser iluminada.

(4) — Procedimento em caso de ataque.

b) Medidas secretas tomadas antes, durante e depois da marcha:

(1) — Em marcha tática à noite, o segredo assume um papel fundamental. Portanto, as medidas tomadas para preservar o segredo na preparação, durante e depois da marcha são de importancia vital. Qualquer erro neste sentido, será um convite para

a aviação inimiga. Além do mais, poderá revelar os propósitos de marcha e portanto anular seus efeitos.

(2) — Si o reconhecimento de dia for possível, será realizado em veículos isolados e largamente espaçados. Si forem colocados balisadores antes da marcha, eles precisam estar ocultos durante o dia e não acenderão luzes à noite, sem autorização do comando. Antes de escurecer, toda atividade que possa ser observada e interpretada como preparativos de marcha, será proibida. Si o antigo estacionamento for conhecido pelo inimigo, deve-se simular uma atividade normal durante a noite.

(3) — As medidas para preservação do segredo durante a marcha noturna e estacionamento, incluem as seguintes:

a) — Proibição de fumar.

b) — As luzes são proibidas, exceto: luzes de marcha autorizadas tais como lanternas protegidas (por vidros vermelhos ou azues) e conduzidas por indivíduos autorizados.

c) — Os rádios permanecem calados e as irradiações restringidas, exclusivamente, aos alármes aéreos.

d) — Os fuzis devem estar descarregados.

(4) — No final da marcha o comando disporá sôbre o disfarce do estacionamento, providenciando quaisquer preparativos para o dia, com a necessária antecedência.

c) Alarme anti-aéreo:

Um sistema de alarme é estabelecido à noite, dispondo-se vigilantes do ar na testa e na cauda de cada um dos batalhões, bem como nos destacamentos de segurança: vanguarda e flanco-guardas. Estes vigilantes necessitam estar em ligação pelo rádio com o comandante da coluna. Se existir um sistema de alarme através do qual se mova a coluna, seu comandante estabelecerá uma ligação, pelo rádio, diretamente com este trama. Da mesma forma manterá contacto com os aviões que operam com a coluna.

d) Conduta quando a coluna é iluminada.

Se a coluna for iluminada, tanto os veículos como a tropa, farão alto até que cesse o efeito de deslumbramento. As tropas se abrigam durante este período.

e) Ação durante o ataque.

Quando as tropas são atacadas durante a noite, abandonam as estradas e em silêncio procuram os abrigos naturais do terreno; sómente o pessoal previamente designado abre o fogo. As viaturas fazem alto e são afastadas da estrada.

Quinta Sessão

Três horas.

Finalidade: Marcha diurna.

Local e equipamento: O mesmo da sessão anterior.

9 —

- a) A instrução neste período, é a continuação da do terceiro, incluindo as medidas de segurança anti-aérea, utilizadas pelas tropas durante a marcha diurna.

b) Este período pode compreender:

(1) — A correção dos erros notados durante o terceiro período.

(2) — O desenvolvimento das medidas de segurança anti-aérea, que vem sendo estudadas.

(3) — A prática destas medidas de segurança.

c) Aviões representando aparelhos de observação amiga, podem operar com as tropas na rede de vigilância, fornecendo meios adicionais na descoberta da aviação inimiga e na transmissão de alarmes.

d) A situação tática preparada para este período, requer a passagem da coluna através de desfiladeiros com aumento da atividade aérea inimiga, obrigando a realização de marchas através campo.

Sexta Sessão

Três horas.

Finalidade: Marcha noturna sob direção do comando superior.

Local e equipamento: Completo de campanha.

10 —

a) O treinamento neste período, consiste em uma prova levada a efeito pelo comando imediatamente superior, das medidas de segurança anti-aérea empregadas durante uma marcha noturna.

b) (1) — A situação tática requer uma tropa que efetue uma marcha noturna, desde um estacionamento mantido em segredo, até uma área de reunião preparatória para o combate diurno.

- (2) — Os limites da area dentro da qual vão operar as tropas em movimento, bem como o tempo de duração da marcha, são levados ao conhecimento da aviação que representará a atividade aérea inimiga.
- c) Este exercício será usado como verificação da instrução da tropa, segundo os seguintes pontos de vista:
- (1) Medidas secretas tomadas antes da marcha.
 - (2) Medidas secretas tomadas durante a marcha.
 - (3) Conduta da coluna quando iluminada.
 - (4) Conduta da coluna quando atacada.
- d) O exercício terminará com uma crítica que compreenda a eficiência das medidas de segurança adotadas pela tropa, durante a situação tática criada.

Biblioteca de "A Defesa Nacional"

Livros à venda:

Notas sobre o Emprego do Batalhão no Terreno — Cmt. Audet	Cr\$ 4,00
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	Cr\$ 9,00
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino	Cr\$ 16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade	Cr\$ 11,00
O Oficial de Informações — Trad. Major José Horacio	
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	Cr\$ 7,00
O Livro do Soldado — Cel. Araripe	Cr\$ 7,00
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	Cr\$ 6,50
Garcia	Cr\$ 7,00
Organização de Competição entre Equipe — Cap. Jair J. Ramos	Cr\$ 3,00
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza	Cr\$ 2,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	Cr\$ 5,00